Universiteit Leiden
The Netherlands

Instrumentos musicais nas línguas bantu e a herança no português do Brasil

Mendes Martins de Menezes, A.

Citation
Mendes Martins de Menezes, A. (2024, September 25). *Instrumentos musicais nas línguas bantu e a herança no português do Brasil*. *LOT dissertation series*. LOT, Amsterdam. Retrieved from https://hdl.handle.net/1887/4093421

Version:	Publisher's Version
License:	Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden
Downloaded from:	https://hdl.handle.net/1887/4093421

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

CAPÍTULO IV

Contribuição linguística à história do Brasil: influência bantu no português brasileiro através dos instrumentos musicais

4.1 África no Brasil

> [...] É uma vergonha para a ciência do Brasil, que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas. Quando vemos homens como Bleek refugiar-se dezenas e dezenas de anos nos Centros da África somente para estudar uma língua e coligir uns *mythos*, nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas *cozinhas*, como a América em nossas *selvas* e a Europa em nossos *salões*, nada havemos produzido nesse sentido! É uma desgraça. Bem como os portugueses estanciaram dois séculos na India e nada ali descobriram de extraordinário para a ciência, deixando aos ingleses a glória da revelação do sânscrito e dos livros brahminicos, tal nós vamos levianamente deixando morrer os nossos negros da Costa como inúteis, e iremos deixar a outros o estudo de tantos dialetos africanos, que se falam em nossas *senzalas*! O negro não é só uma machina *econômica*; ele é antes de tudo, e mao grado sua ignorância, um objeto de *ciência.* (Roméro 1888: 10-11).

O texto de Sylvio Roméro (1888), poeta, crítico e historiador literário, nos permite refletir profundamente nos dias atuais acerca da conscientização sobre a importância do estudo da cultura africana. O apelo do autor, hoje,

ainda é uma referência e serve de alerta em pleno século XXI para a sociedade brasileira. Nesse contexto, destaca-se a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino sobre "História e Cultura afro-brasileira" nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, resultado de inúmeras reivindicações de movimentos sociais. O peso institucional garante a inclusão de conteúdos voltados ao estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, destacando a contribuição dos povos africanos no contexto social, econômico e político à História do Brasil.

Releva-se outra parte do comentário de Romero (1879): "O negro não é só uma máquina econômica". Evidentemente! A contribuição do negro não se deu somente no desenvolvimento da produção agrícola, na exploração de metais nobres e pedras preciosas, como também sua participação é notória nos centros urbanos através da fabricação artesanal e nos serviços sociais, nas lutas a favor da igualdade (Mattoso 2003).

No aspecto cultural, destacam-se as heranças deixadas nos ritmos musicais consideradas como linguagem que imprime a alegria do povo africano. Nina Rodrigues (1976: 159) explica: "Não só de Pernambuco, mas de todo o Brasil pode-se afirmar que a música africana entrou no país com os primeiros escravos negros".

Linguisticamente, contribuíram com uma parte do léxico que, hoje, integra a língua portuguesa brasileira. No contexto musical, Carneiro (1937: 119) contribui: "O atabaque, aqui, se chama *engoma*, ao passo que o tocador tem o nome de *cambondo*, servindo-se, para percutir o seu instrumento musical, de cipós de meio metro, mais ou menos, de comprimento, chamados *ôgidavís*".

O tráfico de escravos (Séculos XVI ao XIX)

Segundo Mattoso (2003), entre a segunda metade do século XVI e o ano de 1850, o número de cativos importados é avaliado entre 3.500.000 e 3.600.000. Mesmo sendo números baseados em dados incompletos, são os mais utilizados atualmente para quem se interessa em estudar essa parte da história do Brasil, explica a autora. Nesse contexto, vale ressaltar que existe outro dado diferente, registrado por Alencastro (2000), estimando um número que passa de quatro mil escravos transferidos para o Brasil (de 1551 a 1870). Contudo, o importante é que, mesmo com informações ou estimativas imprecisas da época, é possível remontar o passado tão turbulento que teve o nosso país, para melhor compreendermos nossas origens. Sobre essa escassez de documentos comprobatórios, Munanga & Gomes (2006: 20) comentam: "[...] mas, de fato, teriam vindo do interior das áreas citadas e de outros países e grupos étnicos, cuja documentação foi em grande parte queimada sob as ordens do ministro Rui Barbosa, ministro das relações exteriores do Brasil". Esse acontecimento se deu por várias razões, principalmente por questões econômicas e políticas (internas e externas). Vianna Filho (1946), autor da obra "O negro na Bahia", enfatiza:

> Fazendo-se ora em direção à Guiné, ora em Angola, ora à Costa da Mina, influenciado por causas econômicas e políticas, tanto internas como externas, intimamente ligado ao desenvolvimento do país, o tráfico apresenta vários aspectos de importância para o conhecimento exato das populações negras importadas e do seu comportamento social (Vianna Filho 1946: 23).

Outro fato relevante, que caracteriza esse período, são os ciclos do tráfico divididos em quatro grandes momentos: o ciclo da Guiné no século XVI, o ciclo de Angola no século XVII, o ciclo da Costa da Mina no século XVIII e a

última fase no século XIX que corresponde à vinda, principalmente, de escravos de Angola e Moçambique (Vianna Filho 1946).

As várias contribuições dos africanos escravizados no Brasil vêm de três procedências: econômica, demográfica e cultural. Em caráter econômico, o Brasil teve significativo desenvolvimento, graças à mão-de-obra dos negros nas lavouras de café, algodão, cana-de-açúcar e na mineração. No campo demográfico, os africanos contribuíram, consideravelmente, com o crescimento da população. Segundo Munanga & Gomes (2006), até 1830 os negros constituíam 63% da população total brasileira. Em aspecto cultural deixaram suas marcas na língua portuguesa, hoje, falada no Brasil, na área religiosa, na música, na dança etc. Com relação às línguas africanas, referentes ao tráfico, alguns autores estimam um número baseado nas regiões de origem dos escravos. De acordo com Bonvini (2014), essas línguas dividem-se em duas áreas de proveniência, o lado oeste-africano (constituído pelo maior número de línguas) e o lado austral (onde está concentrado o subgrupo bantu, constituído por uma minoria de línguas homogêneas, faladas pelos cativos):

> H.10 *congo (quicongo): quissolongo, quissicongo (quissangala), quizombo, quissundi* (falada pelos bacongos, numa zona correspondente ao antigo reino do Congo) e *quivíli, iuoio* (fiote), *quiombe* (faladas em Cabinda e em Loango); H.20 *quimbundo* (falada pelos ambundos, na região central de Angola, correspondendo ao antigo reino de Ndongo), *quissama, quindongo*; H. 30 iaca-*holo: iaca, imbangala, chinji*; K. 10 *chôcue: uchôcue, ochingangela, chilucazi, luena (luvale)*; L. 30 *luba: chiluba-cassai (lulua*); L. 50 *lunda: chilunda, urunda*; P. 30 *macua: omacua*; R. 10 *umbundu* (falado pelos ovimbundos na região de Benguela, em Angola): *umbundo, olunianeca*; R. 20 *cuaniama, indonga: ochicuaniama, cuambi*; R. 30 *herero: ochiherero* (Bonvini 2014: 30-31).

4.2 Primeiros estudos sobre a influência africana no português brasileiro

Macedo Soares (1942), Mendonça (2012, primeira edição em 1933), Raimundo (1933) e Silva Neto (1950) desenvolveram importantes obras, consideradas iniciais, abordando as contribuições africanas no léxico da língua portuguesa brasileira, tema recorrente na área da linguística desde o século XIX.

A obra de Macedo Soares (1942) "Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro", publicada pela revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1942 (vol. 177) foi o primeiro trabalho sistemático voltado à questão da discussão sobre a formação da língua portuguesa brasileira, o qual colocou em evidência a necessidade de se investigar o que "havia de africano" no português brasileiro através dos contatos. Nesse estudo, após citar e explicar alguns termos (partes do léxico), o autor comenta:

> É possível que grande número desses vocábulos não sejam africanos; em compensação, há ainda muitos outros nos dicionários, de cuja procedência angolana ou congolesa não é lícito duvidar. Em regra, quando vemos no dialeto brasileiro palavras que não são de conhecida origem portuguesa, começando pelas sílabas *mu, nga, ngo, ngu, qui, ri* (fraco), *jin* podemos afirmar, *si* e *in quantum*, que são africanas: *mu, n, qui* e *r* são as iniciais das 4 declinações abundas; *ji*, a inicial do plural da segunda. Do guarani, poucas palavras temos adotado começando por *mu* e *mbu*, e *qui*; nenhuma, salvo erro, começando por *jin, nga, ngo, ngu ou ri*. [...] (Macedo Soares 1942: 71, 72).

Macedo Soares prioriza, muitas vezes, a procedência etimológica africana do léxico levantado e estudado. Na referida obra, o autor também registra algumas lexias relacionadas aos instrumentos musicais como: *birimbau* "instrumento músico", *marimba* "instrumento músico", *ngunga* "sino", *puita* "tambor comprido e estreito", as quais serão abordadas no desenvolvimento deste capítulo.

Na obra de Mendonça (2012, primeira edição em 1933), "A influência africana no português do Brasil", além das discussões acerca do tema, o autor registra um léxico (termos africanos usados no Brasil ou empregados por escritores brasileiros) que, apesar das críticas, merece todo o nosso reconhecimento por fazer parte dos trabalhos pioneiros sobre essa temática e por ter influenciado, instigado e alimentado pesquisas posteriores. Assim, destaca-se, o capítulo VI, da referida obra, dedicado ao estudo sobre "Influência africana no português"; nessa parte, o autor analisa as alterações fonéticas (produto das influências africanas), porém, antes, comenta: "O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambas, fenômenos de osmose" (2012: 80). As alterações fonéticas, percebidas e registradas, são: vocalização, assimilação, dissimilação, aférese, apócope, metátese, rotacismo, suarabácti e redução.

Raimundo (1933), em sua obra "O elemento afro-negro na língua portuguesa", focaliza os aspectos que tratam da história da vinda dos africanos ao Brasil, um dos pontos importantes para quem se dedica a entender os níveis de contato, que ele norteia como centro motivador para a mudança linguística.

Na obra "Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil", o autor Silva Neto (1950) traça a evolução da língua portuguesa e faz críticas aos estudos anteriores por enfatizarem mais as peculiaridades regionais e questões comparativas quanto à pronúncia brasileira; discute e distingue os dois focos de estudos brasileiros, a história externa (parte da etnografia social) e a

história interna (dialetologia de caráter linguístico). De acordo com o contexto externo, é importante ressaltar o comentário feito pelo próprio autor:

> A matéria de história da língua portuguesa no Brasil há de investigar-se na etnografia e na evolução histórico-social do povo brasileiro [...]. Mas é preciso frisar a muito maior complexidade do caso brasileiro, em vista das particularidades de nossa formação étnico-social (Silva Neto 1950: 7).

Após discutir as questões históricas do país, parte de grande relevância para se entender, hoje, a situação linguística, Silva Neto fala sobre o panorama atual da língua portuguesa no Brasil, tema do capítulo VI de sua obra, e expõe as diferenças da língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil, considerando os aspectos sociais e regionais.

4.3 Estudos contemporâneos sobre a influência bantu no português brasileiro

Além dos trabalhos iniciais desenvolvidos pelos autores, já mencionados, Macedo Soares (1942), Mendonça (1935), Raimundo (1933) e Silva Neto (1950), que deixaram registrados léxicos indicando influências africanas bantu no português brasileiro, há disponíveis, hoje, vários estudos que deram continuidade à temática, baseados nessas obras consideradas pioneiras. Dentre os vários trabalhos desenvolvidos e publicados destacam-se as seguintes obras: “Falares africanos na Bahia: Um vocabulário Afro-Brasileiro” (Castro 2001), “Novo Dicionário Banto do Brasil” (Lopes 2003), “África no Brasil: a formação da língua portuguesa” (Fiorin & Petter 2014) e “Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos” (Angenot, Angenot V. & Maniacky 2013).

Na terceira obra citada (Fiorin e Petter 2014), Emilio Bonvini (2014) publicou dois artigos "Línguas africanas e português falado no Brasil" (p. 15-62) e "Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil" (p. 101-144). No primeiro, o autor discute a questão da influência africana e a crioulização, fazendo uma comparação das ideias de vários outros autores. Bonvini acredita que a relação entre as línguas africanas e a língua portuguesa precisa ser discutida sobre fatos, dados atestados e historicamente datados e não somente em hipóteses que, segundo ele, nada comprovam. No segundo artigo, o autor explica que a variedade de vocábulos atestados no Brasil, sujeitas a diversas variantes, podem também refletir a diversidade de origem das línguas africanas, que podem ter servido de línguas-mãe. Nesse sentido, o autor também complementa: "Por isso, essas variantes 'brasileiras' podem servir de índice para a identificação das línguas africanas envolvidas com o tráfico e a escravidão" (2014: 104).

Nesse contexto, destaca-se outro artigo relevante, "Thèmes régionaux bantu et africanismes brésiliens" (Maniacky 2009), publicado na obra "Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics: Exploring the African Language Connection in the Americas" (Petter & Mendes 2009), que abordou a temática sobre a influência bantu no português brasileiro. O autor destaca, primeiramente, alguns exemplos de atestações brasileiras, atribuídas às origens bantu, para temas gerais, distribuídos em quase todo o domínio bantu, que preservaram o mesmo valor semântico. Mostra também particularidades lexicais envolvendo línguas das zonas linguísticas H, K e R, e apresenta temas regionais, foco do seu estudo, refletidos no português brasileiro, seguidos das correspondências nas mesmas zonas. Os termos apresentados não fazem parte de um vocabulário específico.

Maniacky (2009) estabelece quatro critérios de classificação dos temas, nas áreas zonais linguísticas, que visam dar suporte à investigação da origem (regional ou não), de acordo com a distribuição no domínio bantu: 1) temas de distribuição geral, muitas vezes, proto-Bantu; 2) temas com distribuição (muito) restrita, mas fora da atual Angola e das regiões costeiras dos dois

Congos; 3) temas amplamente distribuídos mas não atestados em Angola e nas regiões costeiras dos dois Congos; 4) temas com distribuição restrita (aproximadamente) a Angola e às regiões costeiras dos dois Congos.

Outro importante trabalho que se destaca quanto às contribuições africanas no português do Brasil é o artigo publicado por Daeleman (1992) - Languages in contact/ Contact entre langues: Remarques sur les vestiges de langues africaines dans le portugais du Brésil. O autor cita, primeiramente, alguns vocábulos duvidosos e comenta sobre a repetição em se dizer que os mesmos são de origem africana quando, na verdade, implicam em consoantes e vogais diferentes, ou seja, não regulares quanto ao sistema comparativo bantu. Daeleman sugere algumas correções e mostra a existência de vocábulos que são reflexos de temas nominais e bases verbais proto-bantu, bem como proposta da língua de origem (ex. kongo, kimbundu, umbundu e kiholu) para alguns nomes.

O presente estudo segue os critérios metodológicos estabelecidos por Maniacky (2009) para classificar os temas bantu que correspondem aos vocábulos bantuísmos brasileiros identificados, analisados e discutidos na pesquisa, alguns refletindo temas nominais (existentes e/ou propostos) de bases verbais.

4.4 Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos (Angenot, Angenot V. & Maniacky 2013)

O Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos é uma grande obra dos autores Jean-Pierre Angenot, Geralda de Lima Vitor Angenot e Jacky Maniacky (2013). Este trabalho consiste num levantamento de variadas lexias encontradas no Brasil, de acordo com algumas dadas fontes, que presumidamente são palavras de origem bantu. O documento possui mais de 3.700 entradas lexicais, enumeradas em ordem crescente, com transcrição

fonética (de acordo com o IPA) e identificadas com siglas correspondentes a cada fonte, seguidas de seu significado regional. Alguns vocábulos têm indicação de (pseudo) etimologia.

Dentre os numerosos termos, listados no glossário, serão identificados alguns, relacionados ao vocabulário específico deste presente estudo, que serão abordados de acordo com as ligações formais e semânticas, provenientes de temas (existentes ou propostos) atestados nas várias línguas que compõem o domínio bantu.

4.5 Contato entre línguas: bantuísmos brasileiros e correspondências etimológicas

O contato linguístico acontece por meio de situações em que a presença simultânea de línguas afeta o comportamento do indivíduo. Segundo Weinreich (1953), duas ou mais línguas estarão em contato se forem usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. Os indivíduos usuários da língua são, portanto, o *locus* do contato.

O contato cultural entre línguas possibilita a aquisição de novos vocábulos entre elas. Nesse contexto, serão identificados e relacionados alguns vocábulos bantuísticos que refletem, formalmente e semanticamente, temas reconstruídos no BLR3 e temas propostos, neste estudo. De acordo com Maniacky (2009), é necessário refinar as origens dos bantuísmos brasileiros comprovados; por isso, não basta ter somente pistas como a presença de um aumento prefixal em um tema geral, por exemplo.

O critério metodológico de distribuição geográfica, particular dos temas, sugerido pelo referido autor, permite mostrar, através das correspondências e expansão nas línguas, a proveniência local bantu dos vocábulos. Para os temas mais gerais, torna-se mais difícil chegar a uma conclusão válida sobre a origem (língua de partida). Porém, nesses casos, uma investigação mais

precisa quanto à identidade do prefixo classificador, preservado no vocábulo, e sua ocorrência regional no domínio bantu, seria um ponto interessante.

4.5.1 Identificação dos bantuísmos referentes ao vocabulário dos instrumentos musicais

O quadro, abaixo, segue formado por quatro colunas e obedece a seguinte ordem por colunas: a) relação dos vocábulos bantuísticos em ordem alfabética (seguidos da transcrição fonética), identificados no Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos (Angenot, Angenot V. & Maniacky 2013) e no Novo Dicionário Bantu do Brasil (Lopes 2003, 2020); b) sentidos relacionados de acordo com as descrições das fontes citadas por Angenot, Angenot V. & Maniacky *et al.* (2013); c) correspondências etimológicas bantu contemplando temas reconstruídos e propostos; d) sentidos reconstruídos e/ou propostos.

Algumas contribuições, quanto à classe nominal e sentidos propostos, serão identificadas para os temas reconstruídos; nesse caso, seguem em destaque de forma sublinhada. A relação segue em ordem alfabética.

Tabela 227 - Relação dos bantuísmos e correspondências etimológicas

Bantuísmos brasileiros	**Sentidos de acordo com as descrições das fontes citadas no Glossário (Angenot, Angenot V. & Maniacky 2013)**	**Correspondências etimológicas bantu**	**Sentidos reconstruídos ou propostos**
angoma [ãᵑˈgomɐ], engoma, zingoma, cangoma, goma	"nome genérico, no Brasil, dos tambores da área banta" (Mendonça 1933, 1973)	*-gòmà (1) 1429, cl. 9/6, 9/10	tambor (dança)

chinguvo [ʃĩᵑˈguvʊ]	"instrumento musical" (Freitas & Pinto 1955); "caixa de madeira" (Freitas & Freitas 1967)	*-gùbú (4), 1480, cl. 7/8	tambor de fenda
cucumbi [kukũmˈbi]	"instrumento de música africano que deu o nome à dança" (Cascudo 1964); "inst. de música" (Mendonça 1933, 1973)	tema revisado °-kòmbí (5), 4313, cl. 9, 11/10, 7/8	tambor (esp.); tambor sinalizador (de fenda)
gobo [ˈgobʊ]	"berimbau-de-barriga" (Lopes 2003)	tema revisado °-gúbʊ (5), 4524, cl. 5/6	arco musical
gunga, ngunga [ˈgũᵑgɐ]	"sino"; "guizo" (Vogt & Fry 1983, 1985, 1996); "sineta de colégio" (Mendonça 1933, 1973)	*-gùngà (1), 1514, cl. 9/10	sino, ventosa; pequeno sino (esp.)
marimba [maˈrĩᵐbɐ]	"inst. musical composto de pequenas lâminas de vidro ou de metal, oblongas e com o som graduado" (Raimundo 1933)	*-dìmbà (1), 980, cl. (i)5/6, 3/4	inst. musical, xilofone, tambor, piano de mão; tambor de fenda, lamelofone, (placa de) xilofone
mondo [ˈmõⁿdʊ]	"tambor feito em madeira encarnada" (Freitas & Freitas 1967).	tema revisado °-jóndò (5), 6682, cl. 3/4, 7/8	tambor sinalizador (de fenda)
mucubile [mukuˈbilɪ]	"tambor menor" (Freitas & Freitas 1967)	°-kʊ́bɪdʊ cl. 3/4	tambor duplo
mulungu [mulũᵑˈgu]	"espécie de tambor zingoma muito grande, comprido e	tema revisado °-dòngò (5). 4492, cl. 5/6, 9/10, (9/6)	tambor (troncônico alongado)

	estreito, de som retumbante" (Castro 2001)		
puíta [ˈpʷitɐ]	"inst. musical dos negros, feito de um tronco oco, tapado na parte mais larga por uma pele" (Raimundo 1933)	tema revisado °-pùìtà (5), 4806, cl. 9, 7, 5	tambor de fricção
pungues [ˈpũⁿgɪs]	"inst. musical de som triste" (Lopes 2003)	*-pùngì (3a), 5065, cl. 9/6, 9/10	flauta, apito; marfim, chifre musical, trompete
quiçanga [kiˈsãⁿgɐ]	"cabaça com cabo e cheia de sementes de frutas, usada como instrumento musical" (Castro 2001)	°-cángá cl. 5/6, 11/10, 7/8	chocalho duplo (de feiticeiro)
quiçango [kiˈsãⁿgʊ]	"instrumento de percussão africano" (Lopes 2020)	°-càngù cl. 7, 11/10	chocalho (de adivinho)
quiçanje [kiˈsãⁿʤɪ]	"inst. musical idiofônico, à base de lâminas" (Lopes 2003)	*-cànjí (5), 8612, cl. 7/(8)	inst. musical (esp.); lamelofone
ritumba [ɾiˈtũᵐbɐ]	"tambor cilíndrico" (Freitas & Freitas 1967)	*-túmbá (5), 4286, cl. 5/(6), 3/4	tambor (esp.)
sansa[106] [ˈsãⁿsɐ]	"instrumento de música africano que	*-cànjí (5), 8612, cl. 7/(8)	inst. musical (esp.); lamelofone

[106] Acredita-se que o termo variante *sansa* foi introduzido no Brasil devido a ocorrência com a vogal final em /a/ já ser antiga em algumas línguas bantu, ex. em kwakum (A91) *ì-ʃânɲà (ou ì-ʃànɲà)* "sanza (ou lamellophone, cet instrument est également

	veio ao Brasil e que, no país de origem, tem esse mesmo nome entre os bechuanas (atswana)" (Mendonça 1933, 1973)		
urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ], uricungo, urucongo, aricungo, oricungo, orucungo, urucunju, macungo, ricungo, rucungo, macungo, aricongo	"instrumento musical que consta de um arco de madeira preso nas extremidades por dois ou mais fios paralelos". No centro do arco, internamente, adapta-se uma cuia que age como ressoador. Nomes sinônimos são gobo e gunga (Mendonça 1933/1973)	°-gùngʊ cl. 11/10, (11/6), (5/6)	arco musical
xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki]	"inst. dos negros africanos" (Mendonça 1933, 1973)	°-caka cl. 7/8, 12/13, 9/2, 5/6	chocalho

connu en Afrique centrale et australe sous appellations 'mbira' et 'likembe')" (Belliard 2005: 192); em mboshi (C25) *èsàndzà* cl. 7 "a instrument musical" (Ndongo Ibara 2012: 70); em pove (B305) *-sànzà* cl. 9/10 "instrument de musique (sanza)" (Mickala Manfoumbi 2004: 298); em ndonga (R22) *oka/shandja (uu-)* cl. 12/13 "sansa, musical instrument with 15 iron keys turned by means of pitch balls" (Tirronen 1986: 369) – dados já mencionados na tabela 112.

xequerê [ʃekeˈɾe]	"instrumento musical dos negros" (Mendonça 1933/1973)	°-céké cl. 3/4, 7/8, 11/10	chocalho (esp.)

Abaixo, os vocábulos serão abordados de acordo com a distribuição geográfica dos temas bantu correspondentes. Para cada termo, serão apresentados alguns dados representativos nas línguas, em tabelas, à título de identificação e localização em algumas áreas bantu, pois os mesmos já foram apresentados e discutidos na sua totalidade no Capítulo II.

4.5.1.1 Vocábulos que correspondem aos temas com distribuição linguística expansiva contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos

Nestas regiões, com distribuição mais expansiva, foram identificados os seguintes vocábulos: cucumbi [kukũmˈbi], xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki], chinguvo [ʃĩᵑˈguvʊ], mucubile [mukuˈbilɪ] e quiçango [kiˈsãᵑgʊ]. Das cinco atestações, quatro são provenientes de temas deverbativos e chinguvo, em especial, provém de um tema que, semanticamente, sofre o processo metafórico e passa de cl. 9/10 "hipopótamo" a adquirir um novo sentido em cl. 7/8 "tambor de fenda".

4.5.1.1.1 cucumbi [kukũmˈbi]

cucumbi [kukũmˈbi] < *-kʊmbɪ - tema revisado: °-kòmbí (+ocidental)

O vocábulo cucumbi apresenta duas descrições:

a) Cascudo (1964): "instrumento de música africano, que deu o nome à dança";

b) Mendonça (1933-1973): “instrumento de música”.

Cucumbi designa “instrumento de música” e assemelha-se formalmente e semanticamente ao tema reconstruído e revisado °-kùmbí (5) cl. 9 “tambor de fenda”. Logo, cucumbi [kukũmˈbi] “instrumento de música” < °-kùmbí “tambor sinalizador (de fenda)”, tema deverbativo que provém de °-kùmb- “bater (tambor)”, atestado nas zonas A, D, H, K e L, discutida no capítulo anterior.

O termo *cucumbi* é mencionado por Daeleman (1993: 125) com proposta de origem, vindo da língua kongo (H16), *ǹkuúmbi* “haut tambour”. Abaixo, reflexos em algumas línguas referentes às zonas C, D, H, L e M:

Tabela 228 - Reflexos representativos do tema revisado °-kùmbí “tambor sinalizador (de fenda)”

C61	mongo	lokombélé		“à l’antérieur ce tambour porte des éclats de palme pour augmenter la résonance ; il est battu avec des maillots à boule de caout-chouc.”	(Hulstaert 1957: 1217)
D25	lega	lo-kombé	cl. 11/10	“(signalling) drum”	(Botne & Salama-Gray 1994: 54)
H16	kongo	ǹkúmbi	cl. 4n	“un tambour dont on se sert lorsque des sacrifices sanglants sont offerts son le tombe d’un grand chasseur”	(Laman 1936: 733)
L33	kiluba	kínkúmvì (bin)	cl. 7/8	“tambour (en bois, à fente), grand)”	(Gillis 1981: 493)

M42	bemba	icí-nkumbí	cl. 7/8	"large wooden drum"	(Guthrie & Mann 1995: 60)

4.5.1.1.2 xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki]

xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki] < °-caka (+ocidental)

O vocábulo xaque-xaque, descrito como "instrumento dos negros africanos" por Mendonça (1933-1973), identificado no glossário, está ligado formalmente e semanticamente à proposta de tema °-cákà cl. 7/8, 12/13 para "chocalho" uma forma que tem como primeiro sentido "aplausos", associado à mudança de classes nominais 11/10. O referido tema é derivado da proposta de forma verbal, °-cák- "sacudir", discutida no capítulo anterior. Logo, xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki] "instrumento dos negros africanos" < °-caka cl. 7/8, 12/13 "chocalho". Abaixo, alguns reflexos em línguas referentes às zonas A, C, H, K, L, M e R:

Tabela 229 - Reflexos representativos de °-caka "chocalho"

A91	kwakum	ʃàklà.ʃàklà	cl.	"hochet à manche"	(Belliard 2005: 180)
C71	tetela	tosákásáká	cl. 13	"maracas, hochet, sistre"	(Ohidi 2011: 79)
H21	kimbundu	kisaka	cl. 7	"cabaça que serve de chocalho"	(Nascimento 1907: 18)
K21	lozi	kacaka (tu-)	cl. 12/13	"rattle (n. e.g. a baby's)	(O'Sullivan 1993)
L33	kiluba	nsakadimba	cl.	"hochet (calebasse remplie de graines), grelot"	(Avermaet & Mbuyá 1954)
M60	botatwe	in-saka	cl.	"rattle"	(Torrend 1967: 455)

R22	ndonga	o/shakashaka (oo-)	cl.	"device producing a rattling sound, rattle; rattle calabash of magician"	(Tirronen 1986: 368)

4.5.1.1.3 chinguvo [ʃĩŋˈguvʊ]

chinguvo [ʃĩŋˈguvʊ] < *-gùbú

O vocábulo chinguvu apresenta as seguintes descrições:

a) Freitas & Pinto (1955): "instrumento musical"

b) Freitas & Freitas (1967): "caixa de madeira"

As anotações semânticas, nas dadas fontes, não especificam o tipo de instrumento musical. Na segunda descrição, o vocábulo trata-se de uma "caixa de madeira". Todavia, considera-se suficientes as informações para ligar, formalmente e semanticamente, o bantuísmo brasileiro ao tema bantu reconstruído *-gùbú (4) 1480, o qual, pelo processo metafórico passa de cl. 9/10 "hipopótamo" a adquirir um novo sentido em cl. 7/8 "tambor de fenda". A seguir, algumas atestações que correspondem às zonas H, K, L, R e S refletem a forma e o sentido de ligação.

Tabela 230 - Reflexos representativos de *-gùbú "tambor de fenda"

H21	kimbundu	kinguvu	cl. 7/8	"tambour, bombo"	(Maia 1994: 598)
K14	luvale	cikuvu	cl. 7/8	"drum wood, large"	(Anonyme 1978: 48)
L51	salampasu	tshínguvu	cl. 7/8	"tam-tam"	(Guillot s.d.: 21voc)
L53	ruund	chingufu	cl. 7/8	"drum"	(Lerbak 1952: 03)
R11	umbundu	ngufu (otji, ovi, i)	cl. 7/8	"tambor grosso e curto"	(Alves 1951: 958)

S41	xhosa	igubu (ili-, ma-)	cl. 5/6	"drum"	(Fischer 2004: 177)

4.5.1.1.4 mucubile [mukuˈbilɪ]

mucubile [mukuˈbilɪ] < °-kúbɪdʊ (+ocidental)

O vocábulo mucubile, descrito por Freitas & Freitas (1967), "tambor menor", reflete o tema proposto °-kúbɪdʊ cl. 3/4 "tambor de duplo". A identificação do termo justifica-se pelas ligações formal e semântica; portanto, mucubile [mukuˈbilɪ] "tambor menor" < °-kúbɪdʊ "tambor de duplo", tema derivado da forma verbal reconstruída *-kúb- (3), 1984, "bater, tocar inst. musical". Nota-se a preservação do prefixo nominal de classe 3 *mu.

Abaixo, atestações em algumas línguas referentes às zonas K, L e M para o tema destacado:

Tabela 231 - Reflexos representativos de °-kúbɪdʊ "tambor duplo"

K14	lwena	mukúpelo	cl. 3/4	"double-ended drum"	(Horton 1953: 135)
L35	sanga	munkùbidì	cl. 3/4	"espèce de tambour dont on bat les deux côtés"	(Coupez 1976 vol. ll: 221)
M54	lamba	umuŋkupele, imi-	cl. 3/4	"small drum"	(Doke 1933: 40)

4.5.1.1.5 quiçango [kiˈsãᵑgʊ]

quiçango [kiˈsãᵑgʊ] < °-càngù (+ocidental)

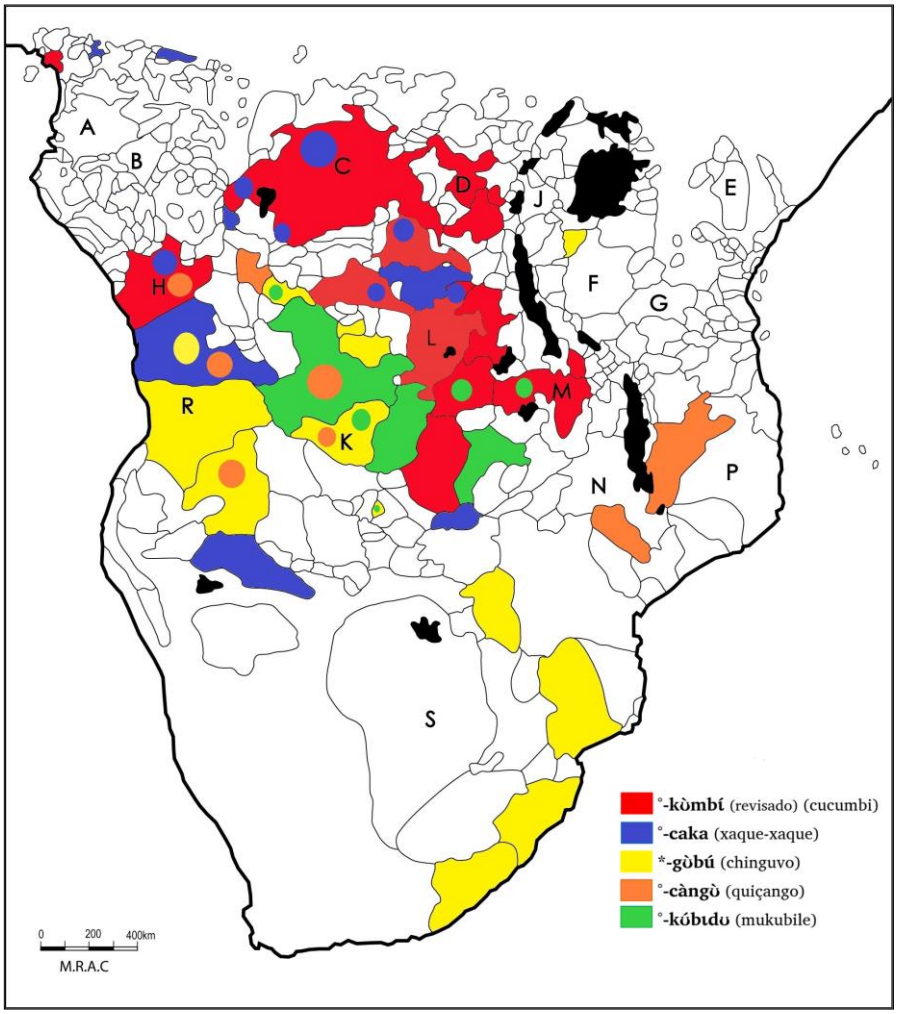
O vocábulo quiçango, descrito por Lopes (2020), indica um sentido mais geral "instrumento de percussão africano". O termo reflete o tema proposto °-càngù cl. 7, 11/10, o qual designa o instrumento percussivo "chocalho (de adivinho)". A ligação das construções justifica-se pela semelhança formal, preservando a classe nominal 7, *ki-, atestada em kongo (H16) *kisángu* "hochet", e o sentido "instrumento de percussão" que se aplica ao sentido atestado nas línguas bantu "espécie de chocalho". O referido tema provém da proposta de forma verbal °-càng- "ser instável" atestada nas zonas B, C, H, L, M, R e discutida no capítulo anterior.

Abaixo, atestações em algumas línguas referentes às zonas H, K, N e P para o tema identificado:

Tabela 232 - Reflexos representativos de °-càngù "chocalho (de adivinho)"

H16	kongo	kisángu	cl. 7	"hochet"	(koni Muluwa & Bostoen 2015: 108)
H21	kimbundu	kisangu	cl. 7	"chocalho"	(Maia 1994: 114)
K11	chokwe	-sangu	cl. 11/10	"espécie de chocalho em forma de guizo"	(Barbosa 1989: 488)
K12b	ngangela	ntsangu	cl. 11/10 ?	"guizos de feiticeiro"	(Baião 1939: 112)
N43	nyungwe	chisango	cl. 7	"o instrumento do advinhador"	(Dupeyron 1900: 133)
P21	yao	ci-sààngò	cl. 7	"the divining instrument"	(Ngunga 2001)

Mapa 80 - Reflexos dos temas correspondentes aos bantuísmos cucumbi, xaque-xaque, chinguvo, mucubile, quiçango



4.5.1.2 Vocábulos que correspondem aos temas com distribuição linguística restrita contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos

Com distribuição restrita, porém, contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos, foram identificados cinco vocábulos: puíta [ˈpʷitɐ], mulungu [mulũŋˈgu], pungues [ˈpũŋgɪs], urucungo [uɾuˈkũŋgʊ], mondo [ˈmõⁿdʊ] e quiçanga [kiˈsãŋgɐ]. Alguns dos referidos termos provêm de temas com origens deverbativas. Em especial, mulungu [mulũŋˈgu] é proveniente de um verbo com princípio ideofônico.

4.5.1.2.1 puíta [ˈpʷitɐ]

puíta [ˈpʷitɐ] < *-pʊɪta - tema revisado: °-pʊ̀ìtà (+ ocidental)

Para o vocábulo puíta, identifica-se algumas descrições, elencadas abaixo, de acordo com cada fonte:

a) Castro (2001): “cuíca”;

b) Mendonça (1933-1973): “tambor dos negros, de forma cilíndrica”;

c) Freitas & Pinto (1955): “instrumento musical”;

d) Raimundo (1933): “instrumento musical dos negros, feito de um tronco oco, tapado na parte mais larga por uma pele”;

e) Filho (1943): “instrumento de percussão sinônimo de cuíca”.

Segundo anotações de Castro (2001: 318), o vocábulo é uma palavra do português do Brasil dicionarizada no AURÉLIO[107], sinônimo de cuíca. Filho (1943) também descreve o instrumento de percussão como sinônimo de cuíca.

---

[107] Ver Ferreira (2004).

O vocábulo é identificado por ter relações formal e semântica com o tema reconstruído e revisado °-pùìtà (5) cl. 9, 7 (4806), "tambor de fricção", atestado nas zonas H, K, L e R. Logo, puíta [ˈpʷitɐ] "tambor dos negros" < tema revisado °-pùìtà (5) cl. 9, 7 "tambor de fricção", derivado da proposta de forma verbal °-pùìt- "absorver, aspirar, puxar, beber (com barulho)". Abaixo, reflexos em algumas línguas referentes às zonas H, K e L (regiões sudoeste e central) para o tema mencionado:

Tabela 233 - Reflexos representativos do tema revisado °-pùìtà "tambor de fricção"

H16	kongo	kipuita	cl. 7	"tambor, bombo"	(Maia 1994: 598)
K14	luvale	pwìta (---, ji-)	cl. 9	"reed drum played by rubbing reed fastened to center of skin top"	(Horton 1953: 275)
L35	sanga	-pwítá	cl.4n, 6+n	"espèce d'instrument de musique ressemblent à un tambour, mais dont la peau est percée d'un trou où est fixée une section d'herbe (genre roseau) sur laquelle on fait glisser la main serrée et mouillée"	(Coupez 1976: 267P)

4.5.1.2.2 mulungu [mulũᵑˡgu]

mulungu [mulũᵑˡgu] < *-dòngó - tema revisado: °-dòngò (+ ocidental)

O substantivo mulungu descrito por Castro (2001) "espécie de tambor zingoma muito grande, comprido e estreito, de som retumbante" reflete o tema revisado °-dòngò (5) cl. (5), 9/10 "tambor troncônico alongado", atestado nas zonas B, C e H. Logo, mulungu [mulũᵑˡgu] < °-dòngò "tambor troncônico alongado", tema derivado de uma proposta de forma verbal com princípio ideofônico: °-dòngò "tambor troncônico alongado" < °-dòng- "bater, dar pancada" < °-du "id. barulho de pancada", discutido no capítulo anterior.

Observa-se o prefixo nominal de classe 3 *mu- (singular) preservado no vocábulo. Abaixo, reflexos em algumas línguas referentes às zonas B, C e H (regiões noroeste e sudoeste bantu) para o tema destacado, °-dòngò (5), referente ao vocábulo bantuístico brasileiro mulungu.

Tabela 234 - Reflexos representativos do tema revisado °-dòngò "tambor troncônico alongado"

B301	geviya	(Ø-)ndòngò	cl. 9/10	"gros tam-tam ou tambour qui sert aux danseurs de la Ngounié"	(Van der Veen & Bodinga 2002: 294)
C61	mongo	ilongó	cl. 4	"tambour (instrument)"	(Hulstaert 1952: 430)
H16c	yombe	nduúngu	cl. 9	"tambour"	(De Grauwe 2009: 179)

Daeleman (1993: 122) sinaliza um vocábulo similar, *mulungu,* atestado em várias línguas bantu, principalmente, na área leste, designando "ser supremo" que reflete o tema similar reconstruído *-dòngò (4) cl. 1/2 "Deus", 715. O autor também menciona o mesmo termo para o sentido "um tambor da

África". Segundo o autor, apesar da semelhança dos substantivos, trata-se de reflexos para dois temas (osculantes nos sentidos).

4.5.1.2.3 pungues [ˈpũᵑgɪs]

pungues [ˈpũᵑgɪs] < *-pòngì (+ ocidental)

Na família dos aerofones, encontrou-se um termo de origem bantu que tem ligação formal e semântica com o tema *-pòngì (3ª) cl. 9/6, 9/10 (5065) "inst. musical de som triste", reconstruído no BLR3 e atestado nas zonas C, H e L.

O substantivo identificado no Novo Dicionário Bantu do Brasil (Lopes 2003), pungues, tem o sentido "instrumento musical de som triste". Esse vocábulo reflete o tema reconstruído *-pòngì.

Portanto, de acordo com as semelhanças formal e semânticas, pungues [ˈpũᵑgɪs] < *-pòngì cl. 9/6, 9/10 "marfim, chifre musical, apito, flauta, trompete", tema deverbativo < *-pòng- (3) "soprar (o vento)", discutida no capítulo anterior.

Observa-se a adição da desinência de plural /s/ ao vocábulo bantuístico brasileiro (aportuguesado). Abaixo, algumas atestações para o tema *-pòngì em algumas línguas, referentes às zonas linguísticas C, H e L (regiões noroeste, sudoeste e central bantu) mostrando os reflexos semelhantes ao vocábulo pungues (português brasileiro).

Tabela 235 - Reflexos representativos de *-pòngì "marfim, chifre musical, apito, flauta, trompete"

C71	tetela	mpunge	cl. 9	"flûte"	(Hagendorens 1956: 143)
H16	kongo	mpungi	cl. 9	"trombeta"	(Maia 1994: 629)
L33	kiluba	mpúngí (ma)	cl. 9/6	"trompete"	(Gillis 1981: 519)

L35	sanga	-pungi	cl. 4n, 6+n	"clairon ou tout instrument de musique en cuivre, donnant un son plus ou moins semblable"	(Coupez 1976: 237P)

4.5.1.2.4 urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ]

urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ] < °-gùngʊ (+ ocidental)

O vocábulo urucungo e suas variações uricungo, urucongo, aricungo, oricungo, orucungo, urucunju, ricungo, rucungo, macungo, aricongo, urucango têm as seguintes descrições:

a) Castro (2001): uricungo/urucungo "arco musical";

b) Lopes (2003): urucungo "berimbau-de-barriga";

c) Mendonça (1933/1973): urucungo/macungo "instrumento musical que consta de um arco de madeira preso nas extremidades por dois ou mais fios paralelos. No centro do arco, internamente, adapta-se uma cuia que age como ressoador. Nomes sinônimos são gobo e gunga".

d) Ferreira (1986): urucungo, urucongo, urucango, aricungo "berimbau-de-barriga"

Urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ] e suas variações têm a descrição do "berimbau". Os termos assemelham-se formalmente e semanticamente ao tema bantu proposto, °-gùngʊ cl. 11/10, (11/6), (5/6) atestado para "arco musical" em algumas línguas bantu pertencentes às zonas linguísticas B, C, D, H e L.

O vocábulo bantuístico e variantes são mencionados por Daeleman (1993: 127), com proposta de origem, indicando correspondências na língua kiholu (L12b): macungo < *mákúúngu*, pl. *díkúúngu* "arc musical"; urucungo, uricungo < *lúkúúngu* "arc musical". Portanto, urucungo [uɾuˈkũⁿgʊ] < °-gùngʊ cl. 11/10, (11/6), (5/6) "arco musical", tema deverbativo < °-gùng- "curvar". Abaixo, alguns reflexos do tema:

Tabela 236 - Reflexos representativos de °-gùngʊ "arco musical"

H16	kongo	lú-ngungu	cl. 11	"archet de musique, arc avec une corde sur laquelle on joue ; on obtient les tons différents en tendant l'arc avec la main"	(Laman 1936: 439)
H21	kimbundu	lungungu	cl. 11	"arco"	(Maia 1994: 48)
L11	pende	lùngùngù, zi-	cl. 11/10	"instrument de musique à cordes"	(Gusimana 1972: 97)
L12b	holo	lú-kúúngu	cl. 11	"arc musical"	(Daeleman 1992: 127)

4.5.1.2.5 mondo [ˈmõⁿdʊ]

mondo [ˈmõⁿdʊ] < *-jondo - tema revisado: °-jóndò (+ ocidental)

O termo mondo foi descrito por Freitas & Freitas (1967) para "tambor feito em madeira encarnada". O vocábulo tem ligações formais e semânticas com o tema revisado °-jóndò (5) cl. 3/4, 7/8 "tambor de fenda", atestado nas zonas D, H, K, L e M. Observa-se a preservação do prefixo nominal de classe 3, *mu- (com o apagamento da vogal) e a C_1 sendo representada por morfema Ø. Logo, mondo [ˈmõⁿdʊ] < °-jóndò "tambor de fenda". Abaixo, atestações em

algumas línguas referentes às zonas D, H, K, L e M, regiões mais à oeste bantu, para o tema destacado.

Tabela 237 - Reflexos representativos do tema revisado °-jóndò "tambor de fenda"

D28	holoholo	-òndó	cl. 7/8	"tam-tam"	(Coupez 1955: 149)
H16	kongo	m̀mòndo	cl. 3/4	"tambour en bois percé dans un tronc d'arbre, dont on se sert à la guerre, aux signaux"	(Laman 1936: 571)
K14	luvale	mwondo (-ondo)	cl. 3/4	"drum wood, small, used by chief to call people to capital	(Anonyme 1978: 48)
L31a	ciluba	cyondò	cl. 7/8	"tambour en bois évidé servant à transmettre des messages divers (ordres, nouvelles)"	(Kabuta 2008: 76)
M42	bemba	úmo-ondó	cl. 3/4	"small wooden signal drum"	(Guthrie & Mann 1995: 64)

4.5.1.2.6 quiçanga [kiˈsãᵑgɐ]

quiçanga [kiˈsãᵑgɐ] < °-cángá

O vocábulo quiçanga "cabaça com cabo e cheia de sementes de frutas, usada como instrumento musical" (Castro 2001) se assemelha ao vocábulo quiçango, mencionado por Lopes (2020) para o sentido "instrumento de percussão africano" (apresentado anteriormente em 4.5.1.1.5). Todavia, além da diferença na vogal final, ambos provêm de temas diferentes quanto aos

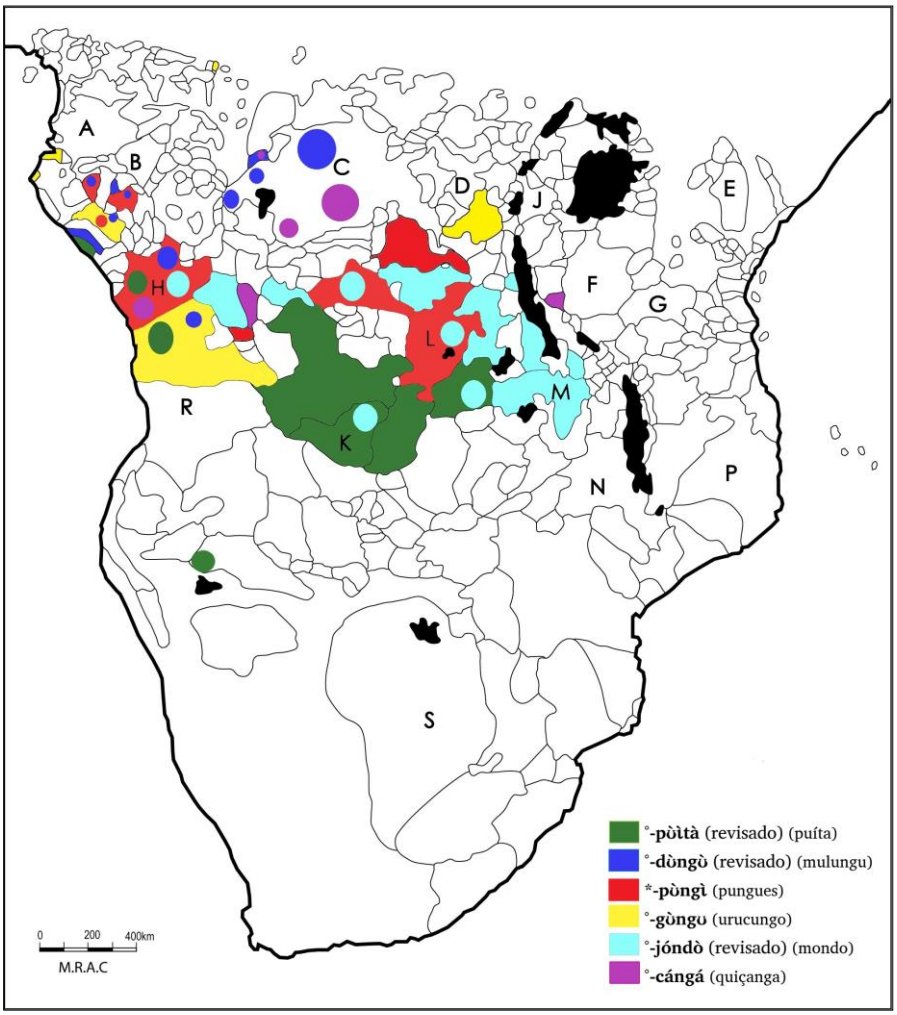
tons; outro fator que também justifica a distinção é a origem deverbativa do tema °-càngò que corresponde a quiçango.

O bantuísmo quiçanga, preserva o prefixo de classe 7, *ki-, e provém do tema proposto °-cángá que designa, em línguas pertencentes às zonas C, F e H, "chocalho duplo (de feiticeiro)". Algumas atestações no domínio bantu:

Tabela 238 - Reflexos representativos de °-cángá "chocalho duplo (de feiticeiro)"

C32	bangi	lisángá	cl. 5	"rattle (kind of double)"	(Whitehead 1899: 428)
C36d	lingala	lisánga	cl. 5/6	"crécelle en vannerie, grelot tressé contenant des fruits secs"	(Kawata 2003: 130)
C61	mongo	lisángá	cl. 5	"hochet, instrument de musique"	(Hulstaert 1957: 1182)
F12	bende	lúsangá	cl. 11/10	"witchdoctor's rattle"	(Abe 2006: 53)
H16	kongo	sángwa, bi-	cl. 7/8	"sorte de crécelle (fait de noyaux ou de pierres, etc. servant à amuser les enfants, ou pour des exorcismes), grelot, clochette"	(Laman 1936: 876)
H32	suku	kisaángwá	cl. 7	"hochet"	(Koni Muluwa & Bostoen 2015: 108)

Mapa 81 - Reflexos dos temas correspondentes aos bantuísmos puíta, mulungu, pungues, urucungo, mondo, quiçanga



4.5.1.3 Vocábulos que correspondem aos temas com distribuição linguística fora de Angola e regiões costeiras dos dois Congos

Fora de Angola e regiões costeiras dos dois congos, identificou-se três vocábulos: ritumba [ɾiˈtũᵐbɐ], gobo [ˈgobʊ] e xequerê [ʃekeˈɾe]. Para o segundo termo mencionado, o estudo indica proveniência de um tema com origem deverbativa, porém, apresentando osculância.

4.5.1.3.1 ritumba [ɾiˈtũᵐbɐ]

ritumba [ɾiˈtũᵐbɐ] < *-tǵmbá (+ oriental)

O termo ritumba, descrito por Freitas & Freitas (1967) "tambor cilíndrico", assemelha-se em forma e em sentido ao tema reconstruído *-tǵmbá (5) cl. 5/(6), 3/4 (4286), "tambor (espécie)", atestado nas zonas A, C, D, L, M e S, para designar "tambor (esp.)". Nota-se a preservação do prefixo nominal de classe 5, *di- ~ ri- (vibrantização), no vocábulo bantuístico brasileiro. Portanto, ritumba [ɾiˈtũᵐbɐ] "tambor cilíndrico" < *-tǵmbá "tambor (espécie)".

A seguir, atestações na área bantu em algumas línguas referentes às zonas A, C, D, L, M e S para o tema *-tǵmbá.

Tabela 239 - Reflexos representativos de *-tǵmbá "tambor (espécie)"

A22	bakwiri	mʊlʊmbá, mɪ-	cl. 3/4	"drum (generic)"	(Kagaya 1992: 125)
C71	tetela	tǵmbá	cl.	"tambours ronds"	(Hagendorens 1984: 289)
D28	holoholo	tumba		"tambour avec ouverture parcheminée"	(Schmitz 1912: 400)

L33	kiluba	dítùmbà (ma)	cl. 5/6	"tambour cylindrique (pour la danse)"	(Gillis 1981: 493)
L35	sanga	-tùmbà (di:tù, matù)	cl. 5/6	"tambour sourd, de forme trapue [...]"	(Coupez 1976: 233T)
M41	taabwa	litumba (ma)	cl. 5/6	"tambour petit"	(Van Acker 1907: 165)
M42	bemba	í-túmbá	cl. 5/6	"very small drum"	(Guthrie & Mann 1995: 108)
S16	kalanga	ma-túmbá	cl. 6	"drums"	(Mathangwane 1996: 402)

4.5.1.3.2 gobo [ˈgobʊ]

gobo [ˈgobʊ] < *-gʊbʊ - tema revisado: °-gʊ́bʊ (+ oriental)

Gobo é encontrado no Novo Dicionário Bantu do Brasil (Lopes 2003) com a descrição "berimbau-de-barriga". De acordo com este vocábulo, existe o tema reconstruído e revisado °-gʊ́bʊ (5) cl. 5/6 "arco musical" atestado nas zonas F, G, J, N e S.

Daeleman (1993) menciona o vocábulo mostrando possíveis semelhanças com o tema reconstruído e revisado °-gʊ́bʊ (5) cl. 5/6 "arco musical". Abaixo, um grupo de reflexos que permite a ligação direta do vocábulo com o tema °-gʊ́bʊ. Logo, gobo [ˈgobʊ] < °-gʊ́bʊ cl. 5/6 "arco musical". Para o referido tema, algumas formas verbais osculantes foram atestadas para o sentido "curvar", ex. *-gòb- (3) "curvar", *-kʊ́b- (5), 4539, "curvar", *-kòb- (3), 1859, "ligar, curvar", apresentados no capítulo anterior. Com pesquisas mais aprofundadas, acredita-se ser possível identificar a forma de origem.

Tabela 240 - Reflexos representativos do tema revisado °-gʊ́bʊ "arco musical"

F23	sumbwa	ngubu	cl. 9	"instrument de musique"	(Capus 1901: 96)

JD61	rwanda	-gúburé	cl. 5/6	"instrument de musique, cordophone à corde unique"	(Coupez *et al.* 2005: 663)
JD62	rundi	igubure, ama-	cl. 5/6	"arc musical"	(Rodegem 1970: 126)
N31a	nyanja	tzi-gubu	cl. 7	"kalabas bei verschiedenen musikinstrumenten"	(Bourquin 1923: 42)
S53	tsonga	gúbù	cl. 5	"musical bow"	(Cuenod 1976: 44)

4.5.1.3.3 xequerê [ʃekeˈɾe]

xequerê [ʃekeˈɾe] < °-céké

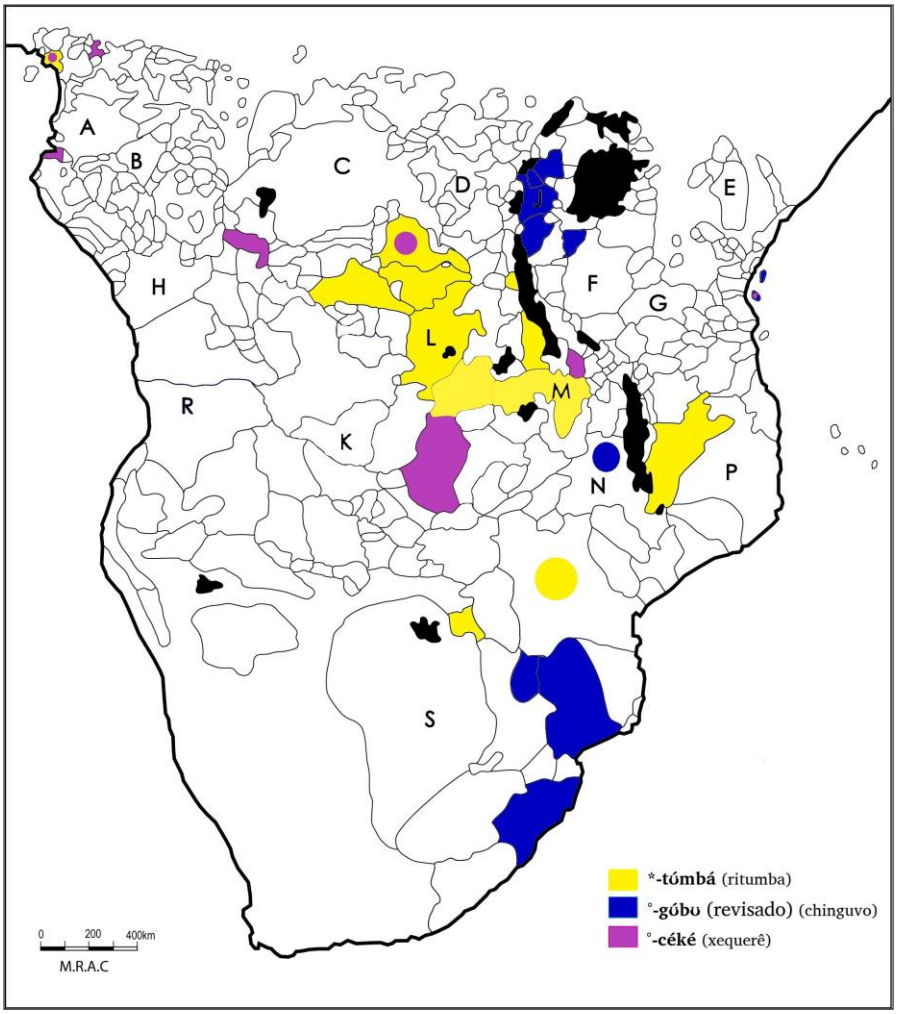
O vocábulo xequerê apresenta descrição mais geral "instrumento musical dos negros, segundo Angenot, Angenot V. & Maniacky (2013) e se assemelha a proposta de tema °-céké cl. 3/4, 7/8, 11/10, reconstruído para o sentido "chocalho (esp.)", atestado em algumas línguas compreendendo as zonas A, B, L e M. No domínio bantu, o termo xequerê é refletido na língua kaonde (L41) *munsekere* cl. 3 "rattle" (Woods 1924: 218). O dado indica indício deverbativo com a presença do aplicativo -er- que corresponde a *-ɪd-; logo, o referido tema provém da forma proposta °-cék- para "sacudir, agitar, ressoar", apresentada e discutida no capítulo anterior. Algumas atestações do tema °-céké na área bantu:

Tabela 241 - Reflexos representativos de °-céké "chocalho (esp.)"

A24	duala	mùsèsèkè, mi-	cl. 3/4	"rattle"	(Ittmann 1976: 386)
B11a	mpongwe	ntsege	cl. 9 ?	"grelot (indigène)"	(Raponda-Walker 1961: 334)
B301	geviya	(o-)ségé	cl. 11/10a	"clochette double en bois	(Van der Veen & Bodinga 2002: 414)

				munie de quatre battants, utilisée par les danseurs de Mogulu”	
L41	kaonde	munsekere	cl. 3	“rattle”	(Woods 1924: 218)
M15	mambwe	cisekese	cl. 7/8	“a rattling instrument”	(Halemba 1995)

Mapa 82 - Reflexos dos temas correspondentes aos bantuísmos ritumba, gobo, xequerê



4.5.1.4 Vocábulos correspondentes a temas com ampla distribuição

Com ampla distribuição no domínio bantu, o estudo coloca em evidência os vocábulos angoma [ãᵑˈgomɐ], marimba [maˈɾĩᵐbɐ], gunga [ˈgũⁿgɐ], sansa [ˈsãⁿsɐ] e quiçanje [kiˈsãⁿʤɪ] provenientes de temas mais gerais, onde a maioria tem fiabilidade 1. Neste grupo, destaca-se o termo marimba [maˈɾĩᵐbɐ] que provém de uma reconstrução deverbativa, a qual também foi discutida no artigo: O bantuísmo 'marimba': da percussão à feitiçaria[108].

4.5.1.4.1 angoma [ãᵑˈgomɐ]

angoma [ãᵑˈgomɐ] < *-gòmà (PB)

O vocábulo angoma e variações (engoma, zingoma, cangoma, goma) são destacados em várias descrições:

a) Castro (2001): "tambor cilíndrico, de uma face, feito de um toro oco, usado nas cerimônias congo-angola; designação genérica para os tambores do culto";

b) Carneiro (1954): "o atabaque em geral nos candomblés de Angola e do Congo";

c) Mendonça 1933-1973): "nome de um tambor sem pintura, feito de barril. É usado em Xangô";

d) Motta (1976, 1978, 1982): "nome genérico, no Brasil, dos tambores da área banta";

e) Freitas & Pinto (1955): "tambor";

f) Lopes (2003): "pequeno tambor";

---

[108] Ver Menezes, Alzenir Mendes Martins de; Jacky Maniacky & Rosa Maria de Lima Ribeiro (2019).

g) Fernandes (1983): “tambor cavado em tronco de árvore”.

O bantuísmo brasileiro angoma [ãᵑˈgomɐ] e suas variações < *-gòmà cl. 9/6, 9/10 “tambor (dança)”. Abaixo, algumas atestações representativas desse tema que cobre, praticamente, toda a área do domínio bantu (tema PB):

Tabela 242 - Reflexos representativos de *-gòmà “tambor”

A15c	akoose	ngɔm	cl.	“drum large”	(Hedinger 2012: 397)
D25	lega	ngoma	cl. 3	“tambour”	(Anonymous s.d.: 194)
E55	kamba	ngoma	cl.	“drum”	(Nurse & Philippson 1975)
K12b	gangela	ŋgóma	cl. 9	“tam-tam”	(Maniacky 2002: 371)
L33	kiluba	ŋómá	cl.	“tambour (tendu de peau)”	(Gillis 1981: 493)
P21	yao	ngoma	cl.	“drum”	(Nurse & Philippson 1975)
R21	kwanyama	ongoma	cl.	“drum”	(Tobias & Turvey 1976)
S53	changana	ngòmà (yi-ti)	cl. 9/10	“tambor”	(Sitoe 1996: 148)

4.5.1.4.2 marimba [maˈɾĩᵐbɐ]

marimba [maˈɾĩᵐbɐ] < *-dìmbà (PB)

O vocábulo marimba apresenta algumas descrições:

a) Castro (2001): “instrumento musical, espécie de xilofone”;

b) Mendonça (1933-1973): “espécie de tambor”;

c) Freitas (s/n): “instrumento musical”;

d) Raimundo (1933): “instrumento musical composto de pequenas lâminas de vidro ou metal, oblongas e com o som graduado”.

Marimba é descrito pelas fontes como “espécie de xilofone”, “instrumento musical” e “espécie de tambor”, identificados no Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos (Angenot, Angenot V. & Maniacky 2013). Os sentidos atribuídos são tambor, xilofone e lamelofone (instrumentos de percussão). O vocábulo preservou o prefixo nominal de classe 6 *ma-. O termo reflete o tema proto-bantu *-dìmbà (1) cl. 5/6, 3/4, 7/8, (9/10) “tambor (de fenda)”, 5/6, 7/8 “lamelofone”, 5/6, 7/8, (3/4), (9) “xilofone”. Logo, marimba [maˈɾĩᵐbɐ] < *-dìmbà (1), tema deverbativo < °-dìmb- “bater, dar golpes”.

O tema designa inicialmente “instrumento de percussão”, aplicado principalmente ao sentido “tambor de fenda” (notadamente em cl. 3/4) e também ao lamelofone, instrumento típico da África. No campo semântico, o sentido para esta forma estendeu-se à placa de xilofone, associada ao par de classes nominais 5/6, preservando em várias línguas o plural de cl. 6 ao xilofone inteiro. Abaixo, alguns reflexos para o tema cobrindo quase toda a área bantu:

Tabela 243 - Reflexos representativos de *-dìmbà “tambor de fenda”

A24	duala	èlimbi, bè	cl. 7/8	“tambour à fente”	(Ittmann 1976: 165)
B42	sangu	dèmbà	cl. (i)5/6	“drum”	(Idiata 199x)
C36d	lingala	dima	cl. 9/10	‘tambour, tam-tam”	(Kawata 2003: 208)
D28	holoholo	-limba	cl. 3/4	“tam-tam”	(Coupez 1955: 147)
H16	kongo	dìmba	cl. 5/6	“petit tambour cylindrique que bat le nganga ngombo”	(Laman 1936: 118)

JD531	tembo	múlimba, mílimba	cl. 3/4	"tambour battu à l'occasion de l'intronisation du nouveau roi"	(Kaji 1985: 253)
K14	luvale	lilimbalimba	cl. 5/6	"drum (talking)"	(Horton 1953: 160)
L31a	ciluba	-dímbá	cl. 3, 4	"tambour"	(Coupez 1954: 70D)

Tabela 244 - Reflexos representativos de *-dìmbà "lamelofone"

B42	sangu	dèmbà	cl. 5/6	"hand-piano"	(Idiata 199x)
H41	mbala	diimba	cl. 5/6	"petit instrument de musique"	(Mudindaambi 1977: 162)
L52	lunda	-dimba (ka-, tu-)	cl. 12/13	"kind of chisanji (musical instrument)"	(White 1957: 16)
M41	taabwa	kilimba	cl. 7	"instrument de musique qui se jouent avec les doigts"	(Van Acker 1907: 134)
P21	yao	lu-dìimbà	cl. 11	"instrument musical consistant of metal tongues fixed on a board"	(Ngunga 2001)
S10	shona	màrìmbà	cl. 6	"many-keyed; musical instrument with a resonator"	(Hannan 1974: 329)

Tabela 245 - Reflexos representativos de *-dìmbà "xilofone"

B42	sangu	dèmbà	cl. (i)5/6	"xylophone"	(Idiata 199x)
C71	tetela	nemba	cl. 5/6	"xylophone"	(Hagendorens 1975: 235)
H41	mbala	madimba	cl. 6	"xylophone"	(Gusimana 1955: 43)
K12b	ngangela	malimba	cl. 6	"xylophone"	(Pearson 1969)
L35	sanga	-dímbá (madi)	cl. 13+6 / 8+6	"xylophone (se fait avec de petites calebasses et des lames en bois sur lesquelles on joue)"	(Coupez 1976: 21D)
M54	lamba	ilimba	cl. 6	"xylophone"	(Doke 1963: 178)
S21	venda	dèmbà	cl. 5	"xylophone resonator"	(Murphy 1997)

4.5.1.4.3 gunga [ˈgũᵑgɐ]

gunga [ˈgũᵑgɐ] < *-gùngà (+ ocidental)

O vocábulo gunga/ngunga apresenta três descrições de acordo com cada fonte:

a) Vogt & Fry (1983, 1985, 1996): "sino, guizo";

b) Freitas & Pinto (1955): "sino";

c) Mendonça (1933-1973): "sino, sineta do colégio".

As relações formais e semânticas entre os vocábulos gunga/ngunga e o tema reconstruído *-gùngà (1) cl. 9/10 "sino, corneta", "pequeno sino esp." atestado em boa parte do domínio bantu, zonas: A, B, C, H, J, K, L, M e R são

evidentes. Portanto, gunga [ˈgũᵑgɐ], ngunga < *-gòngà (1) cl. 9/10 “sino, corneta”, “pequeno sino”.

Abaixo, alguns reflexos representativos em línguas referentes às zonas A, B, C, H, J, K, L, M e R (regiões noroeste, sudoeste e central) para o tema *-gòngà (1), gunga/ngunga:

Tabela 246 - Reflexos representativos de *-gòngà “sino pequeno”

A15	manenguba	-gòngà	cl.	“bell”	(Hedinger 1987: 222)
B43	punu	ngunga, ba-	cl. 9/2	“cloche”	(Bonneau 1956: 157)
C71	tetela	ngunga	cl. 9	“cloche”	(Hagendorens 1956: 55)
H16c	yombe	nguúnga	cl. 9/10	“cloche”	(De Grauwe 2009: 136)
JD53	nyabungu	ngunga	cl. 9	“cloche”	(Anonyme s.d.: 71)
K12b	ngangela	ŋgúúŋga	cl. 9	“cloche”	(Maniacky 2002: 354)
L52	lunda	ŋuuŋa	9/10	“bell”	(Guthrie 1970)
M61	lenje	ŋ-guŋga	9/10	“bell”	(Guthrie 1970)
R11	umbundu	ongunga	cl.	“sino”	(Le Guennec & Valente 1972: 599)

4.5.1.4.4 sansa [ˈsãⁿsɐ] e quiçanje [kiˈsãⁿʤɪ]

sansa [ˈsãⁿsɐ] e quiçanje [kiˈsãⁿʤɪ] < *-cànjí (+ ocidental)

Os dois vocábulos identificados, sansa descrito como “instrumento de música africano que veio ao Brasil e que, no país de origem, tem esse mesmo nome entre os bechuanas (atswana)” por Mendonça (1933-1973) e quiçanje “instrumento musical idiofônico à base de lâminas (BH) - Do quimbundo kisanji, nome genérico do ‘piano de mão’, um lamelofone com ou sem caixa de ressonância” (Redinha 1984) , por Lopes (2003), são bantuísmos brasileiros que refletem o tema nominal reconstruído *-cànjí (5) cl. 7/(8)

(8612) “instrumento musical (esp.), lamelofone”, atestado nas zonas: A, B, C, H, K, L, M e R. Logo, sansa [ˈsãⁿsɐ] e quiçanje [kisãᵑˈʒɪ] < *-cànjí.

Referente à menção de Mendonça (1933-1973), quanto à ocorrência do termo *sansa* na língua tswana (S31), o estudo ainda não encontrou reflexos correspondentes. Contudo, é importante ressaltar que o estudo baseia-se no acervo[109] linguístico disponível. Abaixo, alguns reflexos em línguas referentes às zonas A, B, C, H, K, L, M e R (regiões noroeste, sudoeste e central) para o tema destacado *-cànjí.

Tabela 247 - Reflexos representativos de *-cànjí “lamelofone”

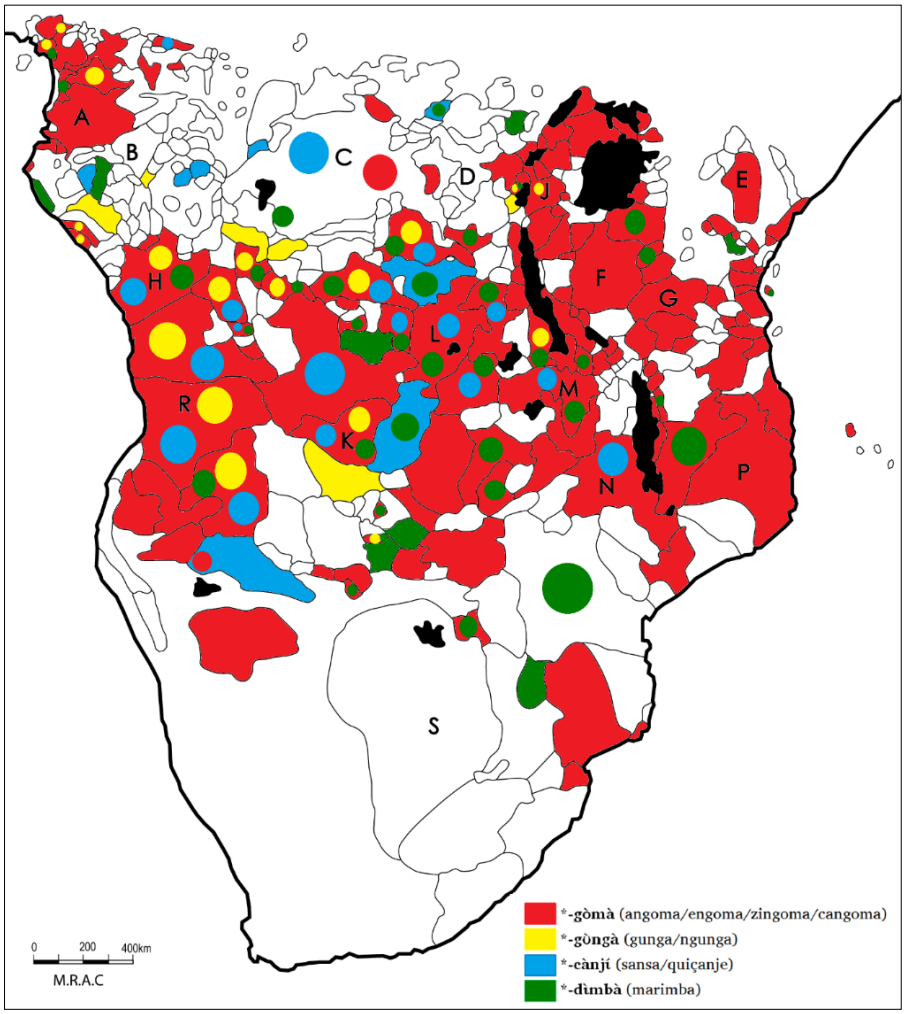
A91	kwakum	ì-ʃânjà (ou ì-ʃànjà)		“sanza (ou lamellophone, cet instrument est également connu en Afrique centrale et australe sous appellations “mbira” et “likembe”)”	(Belliard 2005: 192)
B305	pove	-sànzà	cl. 9/10	“instrument de musique (sanza)”	(Mickala Manfoumbi 2004: 298)
C71	tetela	kisanjí	cl. 7	“instrument de musique indig.”	(Hagendorens1975: 146)
H21	kimbundu	kisanji	cl. 7	“instrumento músico”	(Maia 1964: 365)
K12b	ngangela	ciθáanði	cl. 7	“lamellophone”	(Maniacky 2002: 377)

[109] Biblioteca Lolemi, na seção de Linguística, departamento Cultura e Sociedade, Museu Real da África Central, MRAC, Tervuren/BE.

M42	bemba	kasanshi	cl. 12	"a musical instrument with iron keys"	(Fathers' 1954: 248)
R11	umbundu	ochisanji	cl. 7	"instrumento de música"	(Le Guennec & Valente 1972: 347)

Observa-se que, um dos vocábulos, quiçanje, preservou o prefixo nominal de classe 7 *ki-, registrado nas línguas tetela (C71) e kimbundu (H21), *kisanjí* e *kisanji*, respectivamente.

Mapa 83 - Reflexos dos temas correspondentes aos bantuísmos angoma, gunga/ngunga, sansa/quiçanje, marimba



4.6 Vocábulos de origem bantu dicionarizados

No que se refere à busca de registros dos vocábulos bantuísticos brasileiros, concernentes aos instrumentos musicais, foram consultados três grandes dicionários da Língua Portuguesa: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss 2009), Dicionário etimológico da Língua Portuguesa (Cunha 2010), Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira 2004). A relação dos vocábulos, identificados em cada dicionário, segue em tabelas organizadas em três colunas: primeira - número de ordem; segunda - vocábulo registrado em ordem alfabética e terceira - significado.

4.6.1 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss 2009)

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, identificou-se o registro de 11 dos 19 vocábulos bantuísticos brasileiros atestados no referido estudo.

Tabela 248 - Vocábulos dicionarizados (Houaiss 2009)

Nº	Vocábulo	Significado
1.	**angoma**	grande tambor de uma só membrana, us. nos candomblés bantos (angolas e congos) e tb. em certas danças folclóricas (p.ex., bambelôs, cocos, jongos etc.).
2.	**cucumbi**	instrumento musical de origem africana.
3.	**gobo**	m.q. *berimbau* ('arco de madeira').
4.	**marimba**	(1) espécie de tambor tocado pelo povo cafre. (2) instrumento de percussão constituído por placas de madeira formando um teclado, percutidas por duas baquetas, tendo cabaças como ressoadores; marimbau. (3) Regionalismo: Pará. m.q. *berimbau* ('instrumento idiofone'). (4) Regionalismo: Rio de Janeiro. Uso informal. piano de má qualidade.
5.	**mulungu**	grande tambor, espécie de angoma, usado nas cerimônias religiosas dos xangôs pernambucanos.

6.	**puíta**	(1) instrumento africano, uma espécie de tambor curto aberto numa extremidade e fechado na outra por couro. (2) Regionalismo: norte do Brasil m.q. *cuíca.*
7.	**quiçanje**	instrumento musical idiofônico formado por uma tábua onde estão dispostas lâminas metálicas que se tangem.
8.	**sansa**	instrumento idiofone constituído de uma cuia coberta por uma prancha de madeira onde são fixadas linguetas de ferro, tocadas com os dedos.
9.	**tumba**	grande atabaque usado nos rituais afro-cubanos, percutidos com um pedaço de pau e sustentado entre as pernas.
10.	**urucungu**	m.q. berimbau ('instrumento idiofone').
11.	**xaque-xaque**	m.q. *ganzá* ('chocalho').

4.6.2 Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Cunha 2010)

No Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa estão registrados apenas 3 vocábulos.

Tabela 249 - Vocábulos dicionarizados (Cunha 2010)

Nº	Vocábulo	Significado
1.	**marimba**	'instrumento músico' 1681. Do quimb. *ma'rima,* do pref. *ma-* e *ri*ma 'tambor'.
2.	**mulungu**	'certa planta leguminosa', 'certo instrumento musical africano' 1890. De origem africana, mas de étimo indeterminado.
3.	**puíta**	'cuíca' 1899. Do quimb. *pu'ita.*

Identificou-se outras palavras que se assemelham formalmente aos vocábulos em estudo, porém, com significados diferentes, ex. **cucumbi:** 'antigo folguedo de negros, vestidos de peles e penas, figurando um cortejo para a celebração do rito da puberdade' XX. De origem africana, mas de étimo indeterminado; **tumba:** 'pedra sepulcral', 'sepultura' 1 xv, tonba xv I Do lat. ecles. tumba, deriv. do gr. tymbos.

4.6.3 Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira 2004)

No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa identificou-se 8 vocábulos registrados.

Tabela 250 - Vocábulos dicionarizados (Ferreira 2004)

Nº	Vocábulo	Significado
1.	**chinguvo (chingufo)**	tambor trapezoidal us. quer para a dança, quer para comunicação.
2.	**gobo**	berimbau.
3.	**marimba**	instrumento de percussão: série de lâminas graduadas em escala, percutidas com duas baquetas e dispostas sobre cabaças ou tubos de metal.
4.	**mulungu**	espécie de ingome, de origem africana, que produz sons retumbantes.
5.	**puíta**	ver cuíca. OBS: **cuíca** - instrumento feito com um pequeno barril em uma de cujas bocas se prende uma pele bem estirada, em cujo centro está presa uma pequena vara, a qual, ao ser atritada com um pano úmido ou com a palma da mão molhada, faz vibrar o singular tambor, produzindo ronco; adufo, fungador-onça, socador, omelê, tambor-onça, roncador, puíta.
6.	**quiçanje (quissanje)**	instrumento de música idiófono, constituído duma pequena tábua na qual estão fixadas várias palhetas metálicas que se fazem vibrar com os polegares.
7.	**sansa**	instrumento de cordas, de origem africana.
8.	**urucungu**	berimbau.

Observa-se também o mesmo caso de registro das palavras “cucumbi” e “tumba” com significados diferentes, ex. cucumbi: antigo folguedo de negros, vestidos de peles e penas, figurando um cortejo para a celebração do rito da puberdade, e no curso do qual se representa a morte e a ressurreição do filho do chefe; cucumbi; tumba: pedra sepulcral.

4.7 O vocábulo "berimbau" [berĩ$^{m^{l}}$baʊ̯]

O termo "berimbau" [berĩ$^{m^{l}}$baʊ̯], registrado também no Glossário de bantuísmos brasileiros (Angenot, Angenot V. & Maniacky 2013), apresentando as variações birimbau [birĩ$^{m^{l}}$baʊ̯], marimbau [marĩ$^{m^{l}}$baʊ̯], não foi mencionado no grupo de vocábulos atestados, devido à não identificação de um tema correspondente, nas línguas bantu, de acordo com o presente estudo. No glossário, o termo é registrado com as seguintes descrições: berimbau [berĩ$^{m^{l}}$baʊ̯] - a) arco musical indispensável na capoeira, b) pessoa alta, magra e bem esguia. Etim. *Kik.*[110] - *Kim.*[111] *madi^{m}bau*, *Umb.*[112] *omadi^{m}bau* (Castro 2011). O termo também é mencionado por Lopes (2020):

> **berimbau** *s.m.* Instrumento musical de origem africana constante de um arco de madeira retesado por um fio de arame e de uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior. Relacionado a marimba e influenciado pelo nome do instrumento europeu berimbau ou brimbau (do francês brimbale), que é tocado na boca. Cp. Marimbau (Lopes 2020: 49).

No registro, o autor explica que o instrumento musical é de origem africana e notabiliza que o nome "berimbau" é relacionado a marimba; porém, indica também influência a partir do nome francês "berimbau ou brimbau", um tipo de instrumento musical pequeno, de ferro com lingueta, que é tocado na boca.

A fonte mencionada no glossário, registra a etimologia do termo indicando proveniência de três línguas bantu, kongo (H16), kimbundu (H21) e umbundu (R11). Todavia, concernente ao sentido "instrumento musical",

---

[110] língua kongo (H16).

[111] língua kimbundu (H21).

[112] língua umbundu (R11).

nestas línguas, identificou-se reflexos do tema deverbativo *-dìmbà que designa instrumentos na família idiofônica, "tambor de fenda", "lamelofone" e "xilofone"; ex. em kongo (H16), Laman (1936: 118) registra o nome *dìmba*, pl. ma- para "petit tambour cylindrique que bat le nganga ngombo"; em kimbundu (H21), Maia (1994: 365) menciona *marimba* (sg. *rimba*) designando "instrumento músico"; em umbundu (R11), Le Guennec & Valente (1972: 347) anotam *alimba* denominando "instrumento de música". Analisando as correspondências da C_1, em kongo (H16), o reflexo é regular e provém do processo /*d(*~i) > d/; em kimbundu (H21) o reflexo também se apresenta regularmente e corresponde ao processo de vibrantização /*d(*~i) > r; em umbundu (R11) atesta-se o reflexo resultante do processo de lateralização /*d > l/. Os prefixos de classes (ma-, a-) indicando o plural e correspondem a cl. 6 *ma-, reconstruída em par 5/6 para o tema *-dìmbà. Os substantivos destacados não refletem em S_2 a estrutura CVV.

O nome "berimbau" está registrado como uma entrada em português em dois dicionários de língua bantu. Em changana (S53), Sitoe (2017) descreve um tipo de pequeno instrumento musical de ferro que se toca na boca:

> **Berimbau** s.f. a) (pequeno instrumento de ferro, semelhante a uma ferradura, no centro do qual há uma lingueta, e que se toca pondo a parte curva entre os dentes e fazendo vibrar com o indicador a extremidade livre da lingueta) phyana (ri-ma). [berimbau-de-barriga]: xitende (xi-svi) (Sitoe 2017: 153).

Em makhuwa (P31), Matos (1974) registra e descreve o mesmo instrumento musical mencionado por Sitoe: "**berimbau**, s.m. (pequeno instrumento de ferro, com uma lingueta de ferro entre os dois ramos e que se aplica contra os dentes, fazendo vibrar a lingueta com os dedos): tuputu (a)".

O termo também está registrado em três dicionários da Língua Portuguesa, destacados neste estudo; ex. Cunha (2012) indica origem duvidosa (talvez africana); Houaiss (2009) também indica origem duvidosa, mas menciona que vem, provavelmente, do kimbundu *mbirim'bau*; Ferreira (2004) indica origem do kimbundu *mbirimbau*. Houaiss (2009) e Ferreira (2004) também indicam "berimbau" como significado de urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ] e gobo [ˈgobʊ].

A não atestação de dados correspondendo ao termo "berimbau", no levantamento do vocabulário relativo a instrumentos musicais, motivou a busca em outras fontes e o presente estudo constatou o registro do vocábulo em dicionários etimológicos espanhóis; ex. García de Diego (1954: 127) registra: "**birimbao** 'instrumento': voz onomatopeica". Echegaray (1887) também menciona e descreve o termo "birimbao" sendo um "instrumento musical de ferro em forma de triângulo, aberto numa das pontas para dar peso a uma língua de aço, que é golpeada com um dedo".

Vieira (1899) em sua obra "Diccionario musical contendo todos os termos technicos ornado com gravuras e exemplos de música" também descreve o mesmo instrumento:

> **Berimbau** ou **Birimbau**, s.f. Instrumento popular de caracter grotesco, muito usado em alguns países da Europa; em França chamam-lhe *guimbarre*, em Itália *spassapensiero*. Consiste num pequeno círculo de ferro, aberto em duas hastes, com a forma aproximadamente de uma lyra; pelo centro do círculo e das hastes passa uma lingueta de aço muito elástica, com a extremidade voltada em ângulo como uma escapula. O tocador pega no instrumento com a mão esquerda, e colocando-o entre os lábios, próximo dos dentes, faz vibrar a lingueta com o dedo indicador da mão direita. O berimbau é um instrumento muito antigo e parece que de origem árabe (Vieira 1899: 96).

Segundo Kubik (2014), o nome "berimbau" não estava originalmente associado aos arcos musicais africanos no Brasil, a palavra foi projetada nos arcos africanos que foram conhecidos, pela primeira vez, por nomes angolanos. O autor explica que os brasileiros perceberam semelhanças melódicas entre o guimbarde de suas próprias culturas e os arcos musicais africanos. Isso explica o registro do significado "berimbau" para os arcos musicais urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ] e gobo [ˈgobʊ] nas obras de Houaiss (2009) e Ferreira (2004). Para Shaffer (1997), o instrumento veio da Europa e foi vendido no Brasil e o berimbau-de-barriga tomou o nome deste instrumento. Portanto, de acordo com o presente estudo, o vocábulo "berimbau" trata-se de um empréstimo europeu.

4.8 Considerações

Do total dos vocábulos identificados no Glossário de bantuísmos brasileiros (Angenot, Angenot V. & Maniacky 2013) constata-se que o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa registra a maioria dos termos. É importante ressaltar também que quase todos estão registrados no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - VOLP (Academia Brasileira de Letras 2021-2022). O VOLP não é um dicionário, mas um registro de palavras reconhecidas pela Academia Brasileira de Letras como parte do repertório lexical do Brasil com 382.000 entradas. Registros: angoma s.f, cucumbi s.m, gobo (ô) s.m, marimba s.f "instrumento musical", cf. marimbá, mulungu s.m, puíta s.f (puitar v.), chinguvo s.m, gunga s.m, pungue s.m, quiçanje s.m, sansa s.f, ritumba s.f, urucungo s.m, xaque-xaque s.m.

Concernente às regiões do domínio bantu que concentram os temas que correspondem aos bantuísmos brasileiros, adotou-se os critérios metodológicos estabelecidos por Maniacky (2009) no objetivo de localizar os temas e tentar confirmar, ou não, as origens mencionadas por alguns autores (kongo (H16), kimbundu (H21) e umbundu (R11)). Dessa forma, os

bantuísmos foram organizados da seguinte maneira: 1. vocábulos que correspondem aos temas com distribuição linguística expansiva contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos: cucumbi [kukũmˈbi], xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki], chinguvo [ʃĩŋˈguvʊ], mucubile [mukuˈbilɪ] e quiçango [kiˈsãŋgʊ]; 2. vocábulos que correspondem aos temas com distribuição linguística restrita contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos: puíta [ˈpʷitɐ], mulungu [mulũŋˈgu], pungues [ˈpũŋgɪs], urucungo [uɾuˈkũŋgʊ], mondo [ˈmõⁿdʊ] e quiçanga [kiˈsãŋgɐ]; 3. vocábulos correspondentes aos temas com distribuição linguística fora de Angola e regiões costeiras dos dois Congos: ritumba [ɾiˈtũᵐbɐ], gobo [ˈgobʊ] e xequerê [ʃekeˈɾe]; 4. vocábulos correspondentes aos temas com ampla distribuição linguística no domínio bantu angoma [ãŋˈgomɐ], marimba [maˈɾĩᵐbɐ], gunga [ˈgũŋgɐ], sansa [ˈsãⁿsɐ], quiçanje [kiˈsãⁿʤɪ].

De acordo com a distribuição e localização no domínio bantu, os reflexos dos temas que correspondem aos bantuísmos ritumba [ɾiˈtũᵐbɐ], gobo [ˈgobʊ] e xequerê [ʃekeˈɾe] foram atestados fora da região costeira à oeste; contudo, os dois primeiros citados, foram localizados no outro lado costeiro (oriental), indicando atestações de reflexos em Maputo e Moçambique. Concernente ao vocábulo gobo, Lopes (2020: 125) contribui: “gobo s.m. berimbau de barriga (BH). Do ronga gobo, certa cabaça em forma de bacia, em alusão à caixa acústica do instrumento”. Na apresentação dos dados gerais para o tema correspondente °-gúbu, identificou-se um grupo de reflexos designando “cabaça”, nas línguas da zona S, ex. shona (S10), zulu (S42) swati (S43) e ronga (S54)[113]. Referente a xequerê, o termo corresponde a reflexos no meio dos dois lados costeiros do domínio bantu. Com distribuição geral, identificou-se reflexos referentes a temas que correspondem a cinco bantuísmos: angoma [ãŋˈgomɐ], marimba [maˈɾĩᵐbɐ], gunga [ˈgũŋgɐ], sansa [ˈsãⁿsɐ] e quiçanje [kiˈsãⁿʤɪ]; portanto, torna-se difícil saber qual foi a língua de partida. Entretanto, a maioria dos termos levantados mostra

[113] Ver tabela 71.

correspondências cobrindo a região de Angola e áreas costeiras dos dois Congos, ex. com distribuição linguística mais expansiva: cucumbi [kukũmˈbi], xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki], chinguvo [ʃĩᵑˈguvʊ], mucubile [mukuˈbilɪ] e quiçango [kiˈsãᵑgʊ]. Todavia, também considera-se difícil saber qual foi o ponto de partida; em particular, para chinguvo, as atestações se concentram nas duas áreas costeiras. Por outro lado, considera-se mais aceitável, no que se refere às indicações de origens envolvendo as línguas kongo (H16), kimbundu (H21) e umbundu (R11), os casos das atestações mais restritas, ex. puíta [ˈpʷitɐ], mulungu [mulũᵑˈgu], pungues [ˈpũᵑgɪs], urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ], mondo [ˈmõⁿdʊ] e quiçanga [kiˈsãᵑgɐ].

Muitos dos vocábulos correspondem a temas de origem deverbativa, ex. 1. cucumbi [kukũmˈbi] “instrumento de música” < tema revisado °-kùmbí “tambor sinalizador (de fenda)” < °-kùmb- “bater (tambor)”; 2. xaque-xaque [ˈʃaki ˈʃaki] “instrumento dos negros africanos” < °-caka cl. 7/8, 12/13 “chocalho” < °-cák- “sacudir”; 3. mucubile [mukuˈbilɪ] “tambor menor” < °-kúbɪdʊ “tambor de dois tímpanos” < *-kúb- (3) “bater, tocar inst. musical”; 4. quiçango [kiˈsãᵑgʊ] “instrumento de percussão africano” < °-càngù cl. 7, 11/10 “chocalho (de adivinho)” < °-càng- “ser instável”; 5. puíta [ˈpʷitɐ] “tambor dos negros” < tema revisado °-pùìtà (5) cl. 9, 7 “tambor de fricção” < °-pùìt- “absorver, aspirar, puxar, beber (com barulho)”; 6. pungues [ˈpũᵑgɪs] < *-pùngì cl. 9/6, 9/10 “marfim, chifre musical, apito, flauta, trompete” < *-pùng- (3) “soprar (o vento)”; 7. urucungo [uɾuˈkũᵑgʊ] < °-gùngʊ cl. 11/10, (11/6), (5/6) “arco musical” < °-gùng- “curvar”; 8. gobo [ˈgobʊ] < tema revisado °-góbʊ cl. 5/6 “arco musical” (<) *-gòb- (3) “curvar”/ *-kúb- (5) “curvar”/ *-kòb- (3) “ligar, curvar”; 9. xequerê [ʃekeˈɾe] < °-céké cl. 3/4, 7/8, 11/10 “chocalho (esp.)” < °-cék- “sacudir, agitar, ressoar”; 10. marimba [maˈɾĩᵐbɐ] < *-dìmbà (1) cl. 5/6, 3/4, 7/8, (9/10) “tambor (de fenda)”, cl. 5/6, 7/8 “lamelofone”, cl. 5/6, 7/8, (3/4), (9) “xilofone” < °-dìmb- “bater, dar golpes”; 11. mulungu [mulũᵑˈgu] < tema revisado °-dùngù “tambor troncônico alongado” < °-dùng- “bater, dar pancada” < °-du “id. barulho de pancada”.

Referente ao vocábulo “berimbau”, acredita-se que é necessário rever os estudos que o consideram como bantuísmo brasileiro. Dessa forma, sugere-se um estudo aprofundado quanto às indicações de origem, mencionadas por Castro (2011): Kik. - Kim. *madimbau*, Umb. *omadimbau*, Houaiss (2009): kim. *mbirim’bau* e Ferreira (2004): kim. *mbirimba.*